

Universidade do Estado do Amazonas  
Centro de Estudos Superiores de Parintins  
Colegiado de História

**CLAUDIO SANTORO: AS BIOGRAFIAS DE UM PERSONAGEM CENTRAL  
NO CAMPO NO ARTÍSTICO E POLÍTICO AMAZONENSE (1919-1989)**

---

Andressa de Oliveira Silva  
Diego Omar da Silveira (orientador)

**Resumo:** Este trabalho de conclusão de curso discute a trajetória do amazonense Claudio Santoro, um maestro, compositor, regente, violinista e professor de música influente no campo artístico, bem como as suas biografias e seus biógrafos. Buscamos apresentar, brevemente, diferentes pontos de vista que enfocam aspectos distintos da atuação desse personagem, que vão de sua vida privada até sua militância política no Partido Comunista Brasileiro. Uma vida pontuada por dificuldades e de reconhecimento profissional relativamente tardio, em nível nacional e internacional, e que lhe rendeu a homenagem de ter seu nome no Liceu de Artes e Ofícios do Estado do Amazonas.

**Palavras-chave:** Biografia, Claudio Santoro, campo artístico, Amazonas.

## **Introdução**

Esta pesquisa nasceu de uma proposta de analisar a importância do Liceu de Artes e Ofícios Claudio Santoro para o Amazonas, mais especificamente da Unidade instalada no município de Parintins, no Centro Cultural/ Bumbódromo, primeira do interior do estado, como espaço de democratização das artes. Como diretora do Liceu, vivi ali muitas experiências que colocavam a necessidade de pesquisas mais aprofundadas, com o objetivo de aprofundar atividades de cunho pedagógico com os alunos para esclarecer e conscientizar sobre a importância e a representatividade das artes e de Claudio Santoro para o Amazonas.

Desta forma iniciamos as problematizações: por que uma Escola de Arte mantida pelo Governo do Estado do Amazonas homenageia Claudio Santoro? Quem foi Claudio Santoro? Qual a importância para o Amazonas? Quais vínculos esse personagem possui com o campo das artes e da política? Desde que a pesquisa começou, aquilo que seria o primeiro tópico deste artigo se transformou na temática central desse Trabalho de Conclusão de Curso. Um mergulho nas biografias de Claudio Santoro nos permitiu descobrir um sujeito cunhado a partir de diferentes pontos de vista. Primeiro pelas memórias de Carlota Braga Santoro (2002) – sua primeira esposa. Depois por Elson Farias (2009) – escritor amazonense, casado com Roseli Franco de Sá, prima do maestro. E também, de um ponto de vista mais técnico, por Vasco Mariz (1994) – musicólogo e amigo de Claudio Santoro.

A partir destes biógrafos e de seus textos, decidimos recompor essa biografia, transformando as apropriações e construções da memória no objeto da pesquisa, refletindo de maneira mais detida a significação desse maestro, compositor, regente, violonista e professor de música para o Amazonas. No decorrer da pesquisa buscamos analisar as contribuições de Claudio Santoro para a música erudita no Brasil, da qual ele é considerado um dos maiores expoentes por suas composições dodecafônicas, mas sem deixar de lado seus posicionamentos político-partidários, sua estada fora do país e seu trabalho após o retorno.

Para tanto, o trabalho está dividido em três partes: na primeira, desenvolvo uma breve discussão sobre a utilização das biografias como objeto da história. A segunda parte narra a infância do menino Claudio Santoro na Capital do Amazonas, o apoio e incentivo da família, seu primeiro contato com a música erudita, os primeiros concertos, seu talento e reconhecimento pelos intelectuais da época. Nela, narro também a mudança de Claudio para o Distrito Federal, com a bolsa de estudos concedida pelo Governo do Estado do Amazonas, sua ascensão, reconhecimento como artista, os prêmios recebidos, a sua relação com Carlota Santoro, seu envolvimento com o Partido Comu-

nista, as retaliações sofridas por suas ideologias políticas, seus estudos na França e as experiências vividas durante a turnê nos países da antiga URSS.

A terceira parte narra a volta de Claudio Santoro ao Brasil – a fase nacionalista, seu reencontro com o universo artístico, os novos incômodos provenientes de sua vinculação partidária, as dificuldades de manter financeiramente a família (o que o leva de volta a URSS), a separação e o segundo casamento, com a bailarina Gisele Santoro, o exílio na Europa e o retorno antes mesmo da anistia, quando fixa residência na capital do Distrito Federal, Brasília, ocupando cargos importantes como chefe do Departamento de Artes da Universidade de Brasília (UnB) e maestro da Orquestra Sinfônica do Teatro de Brasília, ambos os cargos ocupados até seu falecimento, em março de 1989.

De modo geral penso que objeto se justifique pelo amplo desconhecimento acerca de quem foi Claudio Santoro, mesmo entre artistas e produtores culturais do estado, e por um exercício de crítica historiográfica às várias versões disponíveis do passado – o que recoloca em cena os debates sobre história e memória, história e biografia. Também acreditamos que tal como nesse caso, o trabalho abre perspectiva para que outros estudantes de História do CESP/UEA se debrucem sobre as histórias de vida dos artistas amazonenses, ainda muito pouco familiares ao público em geral e raramente tomados como tema de estudos acadêmicos.

### **I. Biografia como objeto da história nos dias atuais**

Como em outros tempos, nosso gosto pelas escritas de vida ancora-se num extenso leque de interesse pelo “outro” e por suas experiências de vida. Em alta no mercado editoria, as biografias também têm sido amplamente discutidas entre os historiadores contemporaneamente como um componente dos debates sobre a relação entre história e memória (Le Goff, 1984), sobre os desafios éticos de se narrar vidas (Avelar, Alexandre; Schimdt, 2012) ou sobre a perspectiva da História Pública (Liddington, 2011) – que tem apostado no estreitamento do diálogo entre os historiadores e públicos mais amplos.

A palavra Biografia vem do grego antigo, *bíos* = vida e *gráphein* = escrever. A seu respeito nunca houve fronteiras muito bem delimitadas, tendo oscilado desde a Antiguidade entre uma espécie de *voyeurismo* (Avelar, 2012 p. 63) e o desejo de registrar a trajetória de grandes homens, celebrados na memória oficial dos estados e nações. Para François Dosse, em seu livro *A aposta biográfica*, durante muito tempo (da Antiguidade à Época Moderna) o gênero biográfico teve essencialmente uma função identificatória: “ele serviu de discurso de virtudes, de modelo moral e edificante para educar e transmitir os valores dominantes a gerações futuras” (2005, p 133). Na antiga civilização grega, essa gênese surge de um conhecimento filosófico que se remete a moral.

Benito Schmidt (2014, p. 128) assinala que o contexto da cidade grega – com sua ênfase na identidade coletiva dos cidadãos – não foi favorável ao florescimento do gênero, que ganhou forma no século IV a.C., e se projetou, principalmente, nas épocas helenísticas e romana. Durante o período medieval, ganham destaque as hagiografias, ou seja, narrativa das vidas dos santos. Na modernidade ela se destaca como registro dos reis e rainhas, príncipes e demais nobres, autoridades eclesiásticas, etc.

Como gênero literário/ historiográfico, pode-se dizer que uma das razões do seu perene sucesso editorial foi sua capacidade de romper limites canônicos estabelecidos para a pesquisa e de ocupar espaços intermediários entre a literatura (ficção) e a História, concebida como ciência (Revel *apud* ver, 2010, p. 35). Embora com alguma oscilação, a criação dos biógrafos era largamente solicitada e correspondia ao horizonte de expectativas dos leitores. Por essa razão, a biografia foi considerada um gênero mais popular do que a história em vários momentos e foi, muitas vezes, percebida como menor e/ou vulgar pelos historiadores profissionais.

Muito divulgada pelo historicismo e seu interesse pelo fato e pelo personagem singular ao longo do século XIX, a biografia é colocada em xeque com a primeira geração da Escola do Annales e sua valorização de uma abordagem mais estrutural, inscrita não mais no intervalo de uma vida, mas na dinâmica das estruturas (de longa duração). Isso não impediu, porém, que Lucien Febvre produzisse uma muito instigante leitura da vida de *Martinho Lutero*, ou que Marc Bloch investigasse *Os Reis Taumaturgos*. Mas é preciso constatar que o que estava em cena era um novo projeto, de analisar as trajetórias em relação com a sociedade (seu tempo e espaço), captando as dinâmicas de construção do sujeito em meio a coletividades e, às vezes, em profundo descompasso com as estruturas de sentido vigentes em determinado momento. Após os anos 1960, quando a história política passa por um processo de atualização e os historiadores tentam valorizar novamente o papel dos indivíduos na história, as biografias ganham novamente credibilidade.

Nos últimos anos, quando crescem as possibilidades de acesso às memórias de sujeitos de diferentes segmentos sociais, seja pelo uso do gravador ou pela consulta a documentos e acervos digitais, “o historiador interessado em construir uma biografia” se vê diante de novos desafios, uma vez que lhe são colocados problemas teóricos e práticos, de uso das fontes, que tornam problemático até mesmo “pensar que é possível escrever uma vida, que as linhas ordenadas de um texto podem expressar os inúmeros, descontínuos e contraditórios fios de um destino pessoal” (Schmidt, 2004, p. 132). Nosso trabalho deve primar pela análise meditada e pelo cotejamento de informações, sem ceder às pressões do mercado editorial (sensacionalista) ou pelas opiniões apressadas

de quem deseja firmar posição (contra ou a favor) do biografado. O mesmo se aplica à leitura compara de biografias, como no exercício que tento produzir abaixo.

## **II. Claudio Santoro: O início da trajetória – da infância aos primeiros passos na música**

Claudio Santoro foi um compositor, regente, violinista e professor de música, situado entre mais importante da história da música clássica brasileira, com reconhecimento internacional na América, Europa e nos países da antiga União Soviética.

A arte sempre fez parte do seu universo. Seu avô, Carlo Santoro – comerciante de vinhos bem-sucedido, fora escultor em Nápoles. Seu tio avó Rubens Santoro era um conhecido pintor em Roma e seus pais, Cecília Autran Franco de Sá Santoro – formada em piano e pintura, e Michelangelo Giotto Santoro – oficial do exército italiano, possuía impressionante sensibilidade musical. Tocava os instrumentos como piano e bandolim além de interpretar qualquer melodia de ouvido.

Os Santoro chegaram a Manaus em plena ascensão da economia da borracha, sendo o primeiro a chegar o senhor Filinto Santoro – arquiteto e engenheiro, estabelecendo-se na Capital do Estado com importante empresa de construção civil. Mais tarde, a convite do irmão, vieram Atílio Santoro e Michelangelo Giotto Santoro, pai de Claudio, que se vinculou à empresa do irmão. Os projetos arquitetônicos do Mercado Municipal Adolpho Lisboa e da Igreja dos Remédios foram algumas das obras realizadas pela construtora dos Santoro que contribuíram para embelezar a cidade da *belle époque*, sob a idealização de Eduardo Ribeiro.

Em Manaus permaneceram Michelangelo e Atílio Santoro. Fillinto saiu do Amazonas percorrendo algumas capitais brasileiras até fixar-se em São Paulo, onde passou o resto da vida. Quando Claudio Franco de Sá Santoro nasceu, no dia 23 de novembro de 1919, a bela capital amazonense contava com umas poucas cinquenta mil pessoas, se muito” (Farias, 2009, p. 15). A Manaus desses tempos foi uma das primeiras cidades do país a possuir iluminação e bondes elétricos e automóveis. O Amazonas contava com um expressivo número de estrangeiros com mão de obra de nível superior, principalmente de italianos. Isso contribuiu para o cenário intelectual da cidade nas duas primeiras décadas do século XX, quando surgiram a Escola Universitária Livre de Manaus, a primeira Universidade do Brasil (com vários cursos e formando os primeiros bacharéis do Amazonas, em 1909), o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas (1917) e a Academia Amazonense de Letras (1918).

Com a depressão do Ciclo da Borracha, a economia passou a basear-se na comercialização dos produtos agrícolas e extrativistas da floresta, principalmente da coleta da castanha do Brasil. De acordo com Elson Farias,

no centro da floresta, a atividade criadora dos manauenses, sob a proteção da paisagem urbana daquele pequeno burgo, rodeado de casas erguidas de taipas e com cercas de estacas batidas, brilhava o zimbório do teatro símbolo da cultura ocidental na terra das Amazonas, monumental casa de espetáculos inaugurada em 31 de dezembro de 1896, vinte e três anos antes do nascimento daquele que viria ser, alguns anos mais tarde, um dos mais notáveis corifeus (Farias, 2009, p.16).

A Manaus do final do século XIX e início do XX possuía cena cultural erudita, baseada na cultura europeia, com Conservatório de Música Carlos Gomes, óperas e pequenas orquestras que regiam concertos particulares, vários professores e músicos capazes de ler partituras e que tocavam em exhibições particulares e bailes realizados na casa de famílias importantes. Os programas das peças eram publicados em jornais e o sucesso destes eventos dependiam do repertório selecionado.

Nos salões de festas existentes na Manaus da belle époque era permitido somente o uso de instrumentos de madeira e cordas, nos bailes descentes era proibido a entrada de instrumentos de metais. Elson Farias, um dos biógrafos, é o mais enfático em acentuar seu talento musical como um traço constitutivo da sua personalidade, o que o leva a fazer várias ilações sobre a sua infância, como, por exemplo, a de que Claudio Santoro

vivia metido em casa, como que protegido por D. Cecília e o Sr. Giotto, preservando para missão que mais tarde viria determinar o seu destino. Tinha o tempo todo tomado pelas obrigações escolares de rotina. Estudava no Colégio Dom Bosco, dos padres salesianos. Outra parte do tempo era dedicado ao exercício da música feita com intenso prazer (Farias, 2009, p. 20).

Pelo que se tem notícia, Claudio Santoro inicia na vida musical aos 10 anos, quando foi presenteado por seu tio paterno, Atílio, com o seu primeiro violino e um método de teoria e solfejo, passando a ter as primeiras aulas de musicalização com a sua tia Iracema. Ao completar 11 anos com o domínio das técnicas adquiridas com Iracema, torna-se aluno de Avelino Telmo, violinista chileno radicado em Manaus.

O menino Claudio com o apoio da família – principalmente de sua mãe, Dona Cecília – apresentava-se em festas de familiares com programas bem definidos. Neste período tornara-se atração na cidade. Seu primeiro recital público foi realizado na Leitaria Amazonas, seu talento sendo reconhecido por Adriano Jorge, intelectual e um dos fundadores (e primeiro presidente) da Academia Amazonense de Letras. Daí em diante, o menino passou a ser conhecido e reconhecido pelos intelectuais da época pelo talento musical e habilidades. “Manaus acostumou-se com as apresentações e melodias tocadas pelo menino”. Sobre isso, vale ver a declaração de Adriano Jorge, no *Jornal do*

*Comércio*, em 1933: “Claudio Santoro, ouvi-me bem estas palavras de augúrio profético – há de ser a mais fulgurante glória do Amazonas (Farias, 2009, p. 22).

Em 1933, aos 14 anos, Claudio Santoro realiza sua primeira tentativa de estudar no Rio de Janeiro, permanecendo por um curto período e retornada a sua cidade natal. A capital da República era a cidade mais fascinante e desejada, principalmente pelos jovens que pretendiam crescer nas atividades artísticas. Um ano mais tarde (1934), Giotto, pai de Claudio Santoro, organiza um concerto em comemoração aos seus 15 anos, no Ideal Clube, agremiação da época que reunia as pessoas da elite manauara (comerciantes, intelectuais e políticos). Dentre os convidados ilustres presentes estava o capitão Nelson de Mello, interventor no Amazonas, levado ao poder pela Revolução de 1930 – era a maior autoridade da época, considerado um militar de prestígio.

Capitão Nelson de Mello era considerado um homem sensível às artes e aos movimentos culturais, mantinha a preferência por assessores dotados de sensibilidades artísticas e culturais. Concedeu sede própria a Academia Amazonense de Letras e foi ele quem, por meio de um decreto, ofereceu bolsa de estudos a Claudio Santoro para estudar no Rio de Janeiro.

## **II. Claudio Santoro: a música, o reconhecimento e a política**

“Por ser ainda menor de idade, Claudio Santoro, para gozar da bolsa de estudos oferecida pelo governo do Amazonas, viaja ao Rio acompanhado de seu pai” (Farias, 2009, p. 47). A bolsa de estudos concedida ao jovem Claudio Santoro não incluía o direito às passagens com acompanhante e para cobrir as despesas de seu pai foram oferecidos concertos no Teatro da Paz, em Belém e no Teatro Santa Isabel, em Recife. Com as apresentações dos concertos Claudio despertava admiração e aplausos pelo seu talento com apresentação das composições de grandes artistas da música clássica como Beethoven, Bach, Mozart e Vivaldi.

O jovem e talentoso músico se acostumava com a admiração, elogios e tratamento carinhoso que lhe era dado pela imprensa do Norte e Nordeste do país. Chegando ao Rio de Janeiro, Claudio ingressou no Conservatório de Música do Distrito Federal, tendo aulas de violino com o professor Edgardo Guerra. Tornou-se *spalla*<sup>1</sup> da Orquestra de Cordas do Conservatório, já que possuía facilidade com o violino e sua memória musical fascinava aos mestres e colegas do Conservatório.

Seu primeiro Concerto no Conservatório de Música foi em 1935, tendo se formado em 1937, quando apresenta-se como solista. Aos 17 anos era considerado o mai-

---

<sup>1</sup> É nome dado ao primeiro violino de uma orquestra. Fica na primeira estante à esquerda do maestro e é responsável pela afinação.

or talento musical da cidade do Rio de Janeiro, passando a ser professor assistente de violino no mesmo Conservatório de Música em que estudou.

Em 1939, Claudio Santoro inicia o namoro com Maria Carlota Braga, paulistana da cidade de Cruzeiro, também violinista, formada dois anos depois Claudio no Conservatório de Música do Distrito Federal. Em 1940 é fundada a Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB) e Claudio Santoro passa a trabalhar como primeiro violino. A fundação da Orquestra impulsionou a cena musical no Rio de Janeiro, com programas que incluíam concertos sinfônicos e convites a solistas e regentes estrangeiros. O diretor musical e maestro era um húngaro Eugen Szenkar, que chegou ao Brasil durante a guerra.

Para Claudio foi de extrema importância sua vivência como primeiro violino da Orquestra Sinfônica Brasileira, pois isso lhe permitiu o contato com grandes regentes convidados e suas primeiras experimentações como compositor, surpreendendo a esses profissionais pelo seu talento. Ainda em 1940 Claudio Santoro passa a integrar o Grupo Música Viva, formado por músicos de vanguarda que buscavam novos caminhos, publicavam e discutiam artigos. Eram estigmatizados como socialistas ou até mesmo comunistas. Eram jovens vistos com desconfianças por suas personalidades inquietas e idealistas, além de possuírem convicções políticas avançadas. Por este fato eram vistos com desconfianças pelos nacionalistas e alguns críticos conservadores. Neste mesmo ano Claudio inicia os estudos com o compositor Hans Joaquim Koellereuter, que ensinava-lhe a nova técnica, o *dodecafonismo*.<sup>2</sup> Impressionado com as composições de Claudio Koellereuter passa-lhe a ministrar aulas gratuitas.

Nesse período, Claudio Santoro começa a receber duras críticas às suas composições e o estarecimento do público ao ouvir as peças dodecafônicas, que não eram compreendidas e nem agradavam, o deixavam arrasado. Porém recebia apoio de musicistas e musicólogos para continuar compondo. Um reconhecimento especial veio quando o musicólogo uruguaio Francisco Curt Lange – Diretor do Instituto Interamericano de Musicologia – publicou uma obra de Santoro pelo Instituto Interamericano de Musicologia: a Sonata para Violino Só n. 1.

Era o ano de 1941 e o Brasil ainda não vivia o clima da 2<sup>o</sup>. Guerra mundial, Claudio Santoro e Carlota Braga casam-se na Igreja da Glória do Largo do Machado. Segundo as memórias de Carlota: “fomos morar no Leblon, num pequeno apartamento onde teve início a nossa vida de esperanças e desesperanças”. (Santoro, 2002, p. 41).

---

<sup>2</sup> Dodecafonismo - as 12 notas da escala cromática são tratadas como equivalentes, ou seja, sujeitas a uma relação ordenada e não hierárquica. As notas são organizadas em grupo de 12 notas denominados séries que podem ser usadas de quatro diferentes maneiras 1) série original, 2) série retrógrada (a série original tocada de trás para frente) 3) série investida (a série original com os intervalos investidos 4) retrógrado da inversão (a série invertida trocada de trás para frente).



Ali chega ao mundo seu primogênito, Carlos Arlindo, em 1942. Com o aumento das despesas Claudio mantinha uma vida profissional intensa: compunha, trabalhava em gravações e programa de rádio, tendo em vista que esse foi um período de auge da imprensa radiofônica no Brasil.

Em 1943 Claudio Santoro inscreve-se no Concurso Internacional da *Chamber Music Guild*, de Washington para música de câmara, com seu 1º. Quarteto para Cordas. Recebe Menção Honrosa. Acontece então um fato curioso. Edgar Varese – organizador do concurso – comentou com amigos que na análise dos examinadores Claudio merecia o 1º. lugar, mas o fato de ser muito jovem, apenas 23 anos, tiraram-lhe o título. Com a radicalização ideológica dos anos da Guerra e com o Estado Novo, Claudio Santoro, se filia, em

1944 ao partido comunista. Apesar de ter sofrido perseguições durante a ditadura do Getúlio, o partido comunista recebeu muitos adeptos e manifestou-se em várias ocasiões para tomada de posição de Vargas quanto da necessidade de integrar-se com os aliados na luta contra o nazismo (Santoro, 2002, p. 51).

Claudio Santoro procurava esclarecer-se politicamente e data deste período seu interesse crescente pelo socialismo a partir das leituras das obras de Karl Marx e outros teóricos do marxismo. De acordo com Carlos Fico (2013, p. 168),

em 1944 e 1945, com o fim do conflito, já se anunciando, surgiram manifestações mais incisivas, como os desfiles pró-Aliados e as Declaração de Princípios do I Congresso de Escritores, que pedia explicitamente eleições. Vargas ficou enfraquecido, teve de reconhecer a volta dos partidos, anistiar os presos políticos e eliminar a censura. Permitiu, também, o retorno à legalidade do Partido Comunista Brasileiro, tanto quanto reatou relações diplomáticas com a URSS.

As discussões sobre política eram constantes entre os músicos da Orquestra Sinfônica Brasileira, além de Claudio muitos outros músicos vieram a filiar-se ao partido comunista.

Esse período marca mais uma forte incompreensão na vida de Claudio Santoro, sua escolha política. Ouvia falar das experiências que aconteciam na Rússia, o que pela sua ideologia lhe parecia o caminho justo para a humanidade, principalmente pelo acesso à educação e à saúde para todos. Constituía a miragem do sonho comunista, “um futuro glorioso”, com projeção para reger e compor com o apoio do governo soviético.

Neste mesmo ano nasceu sua segunda, Sônia Santoro. Apesar de ter sido premiado e ter seu talento reconhecido Claudio Santoro enfrenta dificuldades financeiras e passa a compor a Orquestra do Cassino da Praia Vermelha, como violinista, fato que o deixa extremamente irritado pelo ambiente conservador. Porém, a sua escolha política

começa a interferir no acesso a cargos oficiais dentro do governo. Iniciam-se as retaliações a Claudio.

Em 1946 surge a oportunidade de concorrer a uma bolsa de estudos na *Guggenheim Foundation*, para estudar composição nos Estados Unidos. Santoro é apoiado por várias personalidades musicais, que conheciam seu trabalho de compositor, entre eles Heitor Villa-Lobos e Curt Lange. A bolsa da Guggenheim é concedida a Claudio Santoro. A família se desfaz dos bens, como apartamento, móveis e instrumentos, pois neste momento era importante a mudança para os Estados Unidos com o objetivo de apoiar e aprimorar seus estudos. Claudio Santoro foi ao encontro do Cônsul Americano no Rio de Janeiro, para adquirir o visto, mas foi questionado sobre a sua filiação ao Partido Comunista. Confirmada a sua filiação foi-lhe dada a opção de assinar um documento de renúncia da ligação partidária, em contrapartida teria todo o apoio e facilidades para o crescimento da sua carreira profissional. A proposta não foi aceita por Claudio e chegou a falar que “*não acreditava estar fazendo nada de errado, pois o seu país conhecia a legalidade do Partido Comunista*”.

Nesta ocasião surge o primeiro golpe em função de suas ideologias políticas: a filiação ao Partido Comunista impede a sua entrada nos Estados Unidos, já que os comunistas eram “*personae non gratae*” no território Americano. Após esse fato Claudio Santoro realizou contato com Luiz Carlos Prestes – Presidente do Partido Comunista, oferecendo seu caso para ser publicado no jornal do partido, *Voz Operária*. Prestes o orientou que não fizesse isso, pois a situação política no país era delicada e Claudio possuía família, esposa e os filhos de 2 e 3 anos. Com a decepção da perda da bolsa de Guggenheim, Claudio e sua família passam a morar na casa dos pais de Carlota e, em 1947, surge mais uma oportunidade, a bolsa concedida pelo Governo Francês para estudar composição com Nadia Boulanger. Paris ainda sofria com os efeitos da guerra, além das greves, conflitos políticos, racionamento de alimentos e os altos preços.

A bolsa concedida a Claudio era mínima, não sendo possível a mudança da família Santoro para Paris. Sônia e Carlinhos, ficam sob os cuidados dos avós maternos. Carlota, como falava francês fluente, segue para Paris com Claudio com o objetivo de apoiá-lo durante as aulas. Ficou acordado com o maestro José Siqueira, um dos diretores da OSB, que Claudio teria seu salário mantido, mas logo após sua chegada a Paris ficaram sabendo da intervenção que houve na Orquestra, ficando somente com a bolsa de Paris, que era destinada ao pagamento do aluguel da casa com 2 cômodos.

Esse foi mais um período de muitas dificuldades financeiras para Claudio e Carlota. Porém, um tempo de grande aprendizado e produção intelectual pela convivência com os artistas brasileiros e europeus de várias linguagens e expressões artísticas,

como: Arnaldo Estrela (pianista), Mariuccia Iacovino (violinista), Ana Stela Schic (pianista) e Carlos Scliar (pintor).

Claudio inicia suas aulas com a Nadia Boulanger, com a indicação de Madame Mineur, da embaixada da França no Brasil. Boulanger pediu para analisar alguns dos trabalhos de Claudio, admitindo-o imediatamente entre seus alunos. As aulas aconteciam semanalmente. Sua mestra possuía boas relações na França e no exterior e através de seus contatos conseguiu bolsa para Claudio ingressar no Conservatório de Música para estudar regência com o professor Eugène Bigot, que foi um dos incentivadores para que seguisse a carreira de regente, pois segundo o mestre, Claudio possuía qualidade e talento para o ofício.

Em Paris, Claudio foi contemplado com o Prêmio Internacional Lili Boulanger, que era concedido anualmente e fora criado em homenagem à irmã de Nádía que era compositora. O júri era composto por Serge Koussevitsky, Aaron Copland, Igor Stravinsky, Nádía Boulanger e Walter Piston.

Após o período em Paris, os críticos de música brasileiros (que sempre foram um incômodo para Claudio por conta de sua forma de compor) passaram a ter um outro olhar devido ao sucesso em Paris com a execução das suas obras em programas e temporadas, com elogios de Nadia Boulanger. Ambas mudaram a opinião do crítico Eurico Nogueira França, antes ferrenho opositor de Santoro.

Apesar do reconhecimento ao talento e crescimento musical de Claudio Santoro, continuava sofrendo retaliações devido ao seu posicionamento político. Seu nome foi cogitado para um cargo de músico na UNESCO, em Paris, por indicação de Luís Heitor Côrrea de Azevedo – musicólogo, que exercia o cargo de diretor da seção de música da entidade. Essa posição traria uma estabilidade financeira para Claudio Santoro e sua família. Eles chegaram a ser convidados para um jantar na residência de um dos diretores da UNESCO, onde tudo fora acordado. Porém, dias depois Santoro foi notificado de que seu nome não fora aceito para o cargo devido à sua ligação com a esquerda francesa.

Em maio de 1948, Claudio Santoro recebe convite para assistir a Primavera de Praga. Durante evento foi divulgado um documento, chamando Informe Zdanov, do Comitê Central dos PCUS (Partido Comunista da União Soviética), de autoria do teórico do Partido Comunista Soviético, Zdanov. No discurso proferido em Moscou, Zdanov aconselhava os compositores a se aproximarem do povo, para que pudessem compreender e amar, condenando a música formalista (dodecafônica, serial e atonal), adotando uma música realista-socialista que pudessem ajudar os princípios socialistas. Havia uma busca pela integração da sociedade, o que valia também para todo o campo das linguagens artísticas, inclusive a música.

Claudio Santoro teve uma participação significativa neste Congresso, participando de reuniões e expondo suas ideias. Concordando com as com as ideologias do Informe Zdanov. As informações da participação de Claudio foram enviadas ao Brasil, causando comentários e críticas sobre sua nova posição estética (cf. Farias, 2009).

### **III. Claudio Santoro: O Retorno ao Brasil e a fase Nacionalista**

Por questões familiares Carlota, esposa de Claudio Santoro, retorna ao Brasil em setembro de 1948. Com a ausência de Carlota e devido à doença de seu pai, Sr. Giotto, Claudio retorna ao Brasil um mês depois. Chegando ao Rio de Janeiro é informado do falecimento do seu pai que reside no Amazonas. Seu retorno ao Brasil marca o início de uma nova fase da sua obra, mais nacionalista. Após os estudos no curso de regência no Conservatório de Paris, tinha esperanças de ser regente adjunto na OSB, porém, não foi lhe concedida essa oportunidade. Assim, Santoro decide deixar a Orquestra e passa a administrar a Fazenda Rio do Braço na Serra da Mantiqueira, de propriedade de seu sogro.

Suas atividades no campo não inviabilizam a continuidade das suas pesquisas, mas elas mudam de foco. Distante da metrópole, Santoro passa a estudar o folclore da região, datando desta época algumas das suas composições que influenciam na sua mudança de linha, com temas mais brasileiros. Desde 1946 ele passa a abandonar progressivamente o dodecafonismo, seguindo por uma linha oposta, de estética mais palatável ao público leigo.

Após dois anos na fazenda, o músico sente falta do seu universo artístico, retornando para suas atividades no Rio de Janeiro, em 1950, como compositor e diretor do Coro dos Apicás, na Rádio Tupi. Neste mesmo período essa rádio tinha sido completamente remodelada, tendo como diretor geral Marques Rebelo e Dias Gomes como diretor artístico. Claudio Santoro passa a ser diretor musical, sendo o proprietário Samuel Wainer, amigo pessoal de Getúlio Vargas, então Presidente da República.

Os trabalhos artísticos de Claudio estavam muito bem na rádio, onde conseguiu reunir alguns músicos da OSB e outros talentos, criando ocasiões em que conseguiu inclusive executar obras de sua autoria e de colegas. Foi um período de conforto nas finanças. Em 1951 nasce a terceira filha de Claudio, Letícia Santoro. “Corria o ano de 1951 e a paz, isto é, a luta pela paz era considerada um movimento comunista” que alinhava vários setores da esquerda pelo mundo (Santoro, 2002, p. 108).

A tranquilidade na vida de Claudio seria mais uma vez interrompida pela sua ideologia política em maio de 1953, após o episódio da Praça Vermelha em Moscou. Santoro juntamente com algumas personalidades e intelectuais da esquerda no Brasil – como Dias Gomes, James Amado e a poetisa Lila Ripol haviam sido convidados para

assistir em Moscou o 1º de maio na Praça Vermelha. Durante a realização do evento Carlos Lacerda, registrou a presença das personalidades brasileiras e publicou em seu jornal *Tribuna da Imprensa* a imagem com o título “*Nossos compatriotas assistindo ao Desfile de 1º de maio na Praça Vermelha*”. A repercussão no Brasil e as pressões políticas para o desligamento dos comunistas Claudio Santoro e Dias Gomes da Rádio **Clube** acabam sendo concretizadas. E novamente a vida financeira da família Santoro se desestabiliza.

Apesar do momento conturbado, ele continuava a compor. 1953 foi ano de muitas produções e prêmios. Datam desta época uma das suas principais composições, Sinfonia n. 4 Canto de Amor e Paz. Essa música recebeu Menção Honrosa do Conselho Mundial da Paz em Viena (1953) com a entrega de um diploma e de uma medalha de ouro com dizeres sobre paz e uma pomba desenhada por Picasso. Em 1954 estreia no Teatro Municipal a 4ª Sinfonia da Paz, escrita em 1953. A execução da Sinfonia só foi permitida após Santoro ceder às exigências do Conselho do Teatro Municipal com a substituição da palavra paz que havia no título da obra e no coro. Claudio geniosamente substitui a palavra “Paz” pela palavra “Sol”.

Santoro e sua família passam então a viver em São Paulo, em busca de oportunidade de trabalho. Ali foi oferecido a ele um cargo importante na Rádio Cultura. Após alguns acertos tudo parecia caminhar tranquilamente, mas na hora da contratação novamente lhe é negado o cargo por questões relacionadas à política. Surge então, outra oportunidade de trabalho, na Multifilmes, empresa que fora criada na florescente indústria cinematográfica brasileira. Como Claudio Santoro havia ganho vários Prêmios de música de cinema, sendo compositor de várias trilhas sonoras e também havia cursado cinema em Paris na Sorbonne, isso lhe parecia adequado. Além disso, era uma oportunidade para manter vivas as relações com a música e a política.

## **VI. Claudio Santoro: a carreira internacional e a fase de amadurecimento**

Diante das situações difíceis vivenciadas por Claudio Santoro em função de sua luta política, o Partido Comunista iniciou contatos com os países socialistas para organizar uma *tournee* de Claudio e desta forma ajustar a situação financeira de sua família. Após acordos com os governos da Tchecoslováquia, Polônia, União Soviética, Romênia e Hungria essa nova experiência foi iniciada em 1955. Tratava-se de programas de concertos, recitais, balé, visita a galerias de arte, castelos, museus, encontro com compositores e musicistas do mundo socialista. Além de aprofundar as experiências de arte, cultura, educação e ciência que o socialismo proporcionava ao povo desses países, procurando valorizar o ser humano sem distinção de classe social ou de cor.

Ao final da *tourneé* Claudio Santoro retorna para São Paulo. Na segunda metade de 1955, volta a ministrar aulas de violino. Em 1956 Juscelino Kubitchek assume a presidência da república. O mineiro Clovis Salgado é nomeado Ministro da Educação e Celso Brant, diretor da Rádio Ministério da Educação. Claudio e sua família retornam, a convite desses profissionais, ao Rio de Janeiro. Houve empenho de Clovis Salgado para que Santoro assumisse o cargo de maestro assistente na OSB. Mas houve também muita resistência de Arnaldo Guinle (diretor geral da orquestra), que via empecilhos devido a posição partidária do músico e a denúncias anônimas de que era considerado um agitador perigoso. A justificativa era que não poderiam contratá-lo, pois a Orquestra era mantida com recursos do governo que iam de encontro com as ideologias políticas de Claudio Santoro.

Após o fato ocorrido, Celso Brant, fez um convite a Santoro formar uma orquestra de Câmara na Rádio MEC, informando-lhe que seria um contrato curto, pois a Instituição não dispunha de verbas. A Orquestra foi montada com os melhores elementos de que dispunha no Rio de Janeiro, realizando concertos de alto nível. Ele solicitou a Celso melhoria nos salários e, mais uma vez, teve a justificativa de que não poderia ter o aumento de salário nem um contrato mais longo devido as suas ideias políticas. Com o retorno de Claudio Santoro à União Soviética em 1957, a orquestra se desfez. Nas memórias escritas por sua esposa, ele se remete às sucessivas ocasiões em que a questão política veio à tona da seguinte maneira: "(...) quero expressar que ele andava muito insatisfeito em decorrência da luta que vinha tendo desde o princípio de sua carreira. Queixava-se, muito da vida, do partido e das consequências de sua filiação" (Santoro, 2002, p. 188).

Diante das inúmeras perseguições sofridas por sua ideologia política, Claudio inicia uma fase de reflexão sobre as decepções, as perdas de oportunidades, levando a comprometer-se com o bem-estar de sua família e como seu sucesso, artista talentoso que era. Seus biógrafos mostram que ele tinha ânsia de vencer, pois já havia enfrentado muitas dificuldades e apesar dos abalos mantinha-se na luta. Claudio Santoro recebeu convite para assistir ao XX Congresso de Compositores em Moscou em março de 1957, renovando suas esperanças com a oportunidade de poder reger e apresentar mais uma vez as suas obras. Vislumbrava na União Soviética uma oportunidade que não conseguia em seu país, capitalista periférico, e desta forma sonhava em viver da sua arte em um país que concordava com as suas ideologias.

Mas no mesmo ano Claudio Santoro é convidado pelos soviéticos a se retirar da Rússia, devido ao seu envolvimento com sua intérprete, Lia, pois esse tipo de relação não era permitido. Lia era casada com um oficial da KGB. Santoro conta com o apoio de um amigo e refugia-se na Bulgária, em um castelo, onde permaneceu solitário por

vários meses, compondo incessantemente. Em 1959 retorna ao Brasil e separa-se de Carlota Santoro. Continua com as suas atividades artísticas, com premiação no concurso oferecido pela Comissão Estadual de Música de São Paulo. Assina contrato com a Universal para editar a *Brasiliana* e a convite do Governo Britânico segue para Inglaterra, onde conclui a sua 7ª Sinfonia. Participa em Viena do corpo de jurados do Concurso Internacional de Composição. Em 1960 na fundação de Brasília, conquista o 1º lugar no Concurso Nacional do Ministério da Educação e Cultura. No mesmo ano, recebe o convite do governo da Alemanha e passa uma temporada em Berlim, realizando pesquisas sobre música eletroacústica. Em 1961, participa do Congresso de Compositores Alemães em Berlim Oriental e ministra aulas ali e na Itália. “Depois de vaguear pela Europa tanto tempo, em 1962 Santoro foi convidado por Darcy Ribeiro, então reitor da novel Universidade de Brasília, para organizar o Departamento de Música (Mariz, 1994, p. 43). Na UnB, assume os cargos de coordenador para assuntos da música, professor titular de composição e regência e chefe do Departamento recém-criado. Foi o responsável pela organização do I Simpósio sobre Educação Musical no Brasil, promovido pelo Ministério da Educação e Cultura em Brasília, onde apresentou a sua tese “A Reforma do Ensino Musical no Brasil”.

No ano de 1963 Claudio Santoro participa da 1ª Conferência Nacional de Educadores na Universidade de Yale, em Connecticut, nos Estados Unidos. Constitui uma nova relação conjugal, casando-se com a bailarina Gisele Loise Portilho Serdezello Corrêa. Com músicos brasileiros e estrangeiros cria, em 1964, a Orquestra de Câmara da UnB e, neste mesmo ano, recebe o troféu “Candanguinho” da Associação de Jornalistas e Radialistas de Brasília, como melhor compositor e regente do ano. Nasce sua primeira filha do novo relacionamento, Gisele Loise, um pouco antes do golpe civil-militar no país.

Em 1965, Santoro recebe o prêmio *Jornal do Brasil* pelo trabalho desenvolvido na Universidade. Mas com o acirramento da perseguição aos artistas, professores, intelectuais, estudantes demite-se voluntariamente da UNB por não concordar com a cassação de 280 docentes, deixando o Brasil ao final desse mesmo ano, entrando no exílio. A convite do governo alemão e da Ford Foundation, em 1966, obteve uma bolsa conjunta como artista residente e instala-se em Berlim Ocidental. Lá nasce Alessandro Santoro, seu 2º. filho com a bailarina Gisele Santoro. Em 1967, ainda em Berlim, Claudio dispunha de tempo para pesquisar, compor e estudar. Data deste período a criação de “quadros sonoros”, pinturas a partir de uma fita cassete magnetofônica. Em Paris, no ano de 1968, nasce Claudio Rafaello. Sua incursão em outros ramos da arte se aprofunda e ele realiza litografias, com o objetivo de apresentá-las com as partituras musicais.

Permanece exilado na Alemanha no período de 1970 a 1978, um período durante o qual obteve reconhecimento internacional, assumindo o cargo de professor titular de regência da Escola Estatal Superior de Música Mannheim, cidade em que inicia pesquisas com música eletrônica e pintura. Na França, no Departamento de Física Teórica do Centro de Energia, SACLAY, é convidado para falar sobre música, ciência e tecnologia e, no Brasil, recebe o 1º. Prêmio do Concurso Nacional promovido pela Secretaria de Cultura do Rio de Janeiro. De acordo com a biografia escrita por Vasco Mariz, a mais técnica das biografias de Santoro, o músico,

regressou finalmente ao Brasil em 1978 por iniciativa de Nei Braga, ministro da Educação e Cultura, e do reitor da Universidade de Brasília, José Carlos de Azevedo, que conseguiram superar as objeções do SNI” (Mariz, 1994, p. 51).

Um retorno que antecede um ano a aprovação de lei de anistia, aprovada em 1979. De suas experiências no estrangeiro restava também certa desilusão com o socialismo real. Essa é pelo menos a interpretação de Mariz (1994) que afirma ter ouvido de Santoro que “o comunismo era uma bela teoria que na prática se tornava difícil de concretizar”. Os longos anos de vivência na Alemanha podem ser considerados os mais estáveis de sua vida e essa permanência possibilitou suavizar no Brasil seu posicionamento e convicções político-ideológicas.

De volta ao cargo de professor e de chefe do Departamento de Artes da UnB, recebe, por sua obra *Bodas sem Fígaro*, o Prêmio Golfinho de Ouro. Em 1980, Claudio funda a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional de Brasília e compõe o Hino Oficial do Estado do Amazonas. “Outra obra que lhe reacendeu a chama das ligações com a pátria da água foi a composição do Estatutos do Homem, que o próprio maestro classificou de oratório profano (...). A obra foi composta sobre o poema do mesmo nome de Thiago de Melo” (Farias, 2009, p. 94).

Em 1981, é demitido da Orquestra Sinfônica por uma série de desentendimentos e por não conseguir impor rigor e nível profissional necessário para montar uma equipe de primeira qualidade. Entre 1982 a 1988, Claudio Santoro recebe vários prêmios, prepara óperas, comemora seus 65 anos na Alemanha, é condecorado com a Ordem do Rio Branco, reassume a Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional, condecorado com a Ordem do Mérito de Brasília. Realiza conferências na UnB. No Teatro Municipal do Rio de Janeiro (1986) estreia a obra os Estatutos do Homem e em 1988. A obra é novamente apresentada na abertura da Assembleia Nacional Constituinte na Praça dos Três Poderes em Brasília, tendo como um dos interpretes o próprio poeta Thiago de Melo.

No dia 27 de março de 1989 às 10h, durante o ensaio da Orquestra Sinfônica de Brasília, o maestro Claudio Santoro sofre um infarto fulminante. Aos 69 anos e com uma



vasta programação prevista para a comemoração aos seus 70 anos, com concertos e peças a serem executadas no Brasil e exterior, inclusive na sua terra natal, no Teatro Amazonas. Um dos mais importantes maestros brasileiros, e amazonense, nos deixa a riqueza das suas obras, sua história de lutas – com derrotas e vitórias.

E após a sua partida as homenagens continuam: o Teatro Nacional de Brasília é batizado com seu nome, o auditório da cidade de Campos do Jordão, em São Paulo, onde anualmente é realizado o Festival de Inverno também. Por fim, a Escola de Artes do Governo do Estado do Amazonas, fundada em 1997 passa a ser chamar Claudio Santoro.

### **Considerações (finais?) sobre as biografias de Claudio Santoro**

Como apontamos, nosso trabalho se debruçou sobre três distintas biografias de Claudio Santoro. Cabe destacar que elas foram construídas em momentos distintos e com objetivos igualmente diferentes, o que implica em textos com focos para aspectos diversos da vida do músico.

O próprio título trabalho de Maria Carlota Braga Santoro já é emblemático: *Resgatando memórias de Claudio Santoro* (2002). A obra tem edição simples, aparentemente por uma editora de pequena circulação e vem a público com a justificativa e apresentar ao público “como transcorreu o período do primeiro casamento de Claudio Santoro”, um período no qual a autora tinha “tomado nota de muita coisa” (p. 23). Trata-se, portanto de em sua narrativa memorialista, que nos mostra intimamente os 15 anos de convivência com o Claudio Santoro, o estudante, artista, pai, militante, sonhador e guerreiro, sempre tentando vencer as adversidades que a vida lhe colocava, sejam elas financeiras, artísticas ou partidárias. Um homem de talento singular, inquieto e sempre buscando o novo. Sendo incompreendido e criticado por suas ideologias musicais e políticas. Levando, em muitas situações, sua família ao extremo sempre com o apoio incondicional de Carlota, que em alguns momentos do texto se mostra ressentida.

Dois aspectos chamam a atenção: a admiração da biógrafa (ex-mulher) pela persistência e talento que o levaram ao reconhecimento nacional e internacional, seus atributos no trato com a música erudita no Brasil e no Exterior, sua paixão pelo comunismo – ainda que com os incômodos provenientes da perda da bolsa de estudos da *Guggenheim Foundation* e de cargos públicos importantes, que poderiam proporcionar a Claudio e sua família uma condição financeira confortável, a altura do seu talento de maestro. O avesso dessa circunstância, foi que o diálogo com o mundo socialista durante a Guerra Fria lhe proporcionou experiências e vivências importantes de aprendizado com grandes professores e maestros durante a sua passagem pelos países da antiga União Soviética, França e Alemanha. E retornando mais tarde a esses países como professor

regente e maestro com muitas de suas obras sendo apresentadas por importantes orquestras e regidas por importantes maestros. Na apresentação do texto, assinada por Vasco Mariz, existe menção a uma outra biografia, entregue à FUNARTE por Jeannete Herzog Alionda, mas nunca publicada por falta de verbas e a indicação de que esta biografia completa aquela escrita por Mariz e publicada em 1994, já que que a primeira havia sido mais técnica e a escrita por Carlota tinha, naturalmente, um caráter mais íntimo e sentimental.

De fato, a biografia de Vasco Mariz – cujo título é apenas Claudio Santoro – foi publicada pela Civilização Brasileira, editora de Ênio Silveira, um importante articulador da esquerda brasileira a partir dos anos 1960 e trazia as marcas de um estudioso que já contava àquela altura com trabalhos bastantes sistemáticos de história da música e dos músicos brasileiros. O texto é, por isso, mais técnico e discute a formação e a atuação de Santoro no cenário musical, além de oferecer uma importante cronologia e anexos em que constam a discografia e o catálogo geral das obras.

Por fim, temos a obra de Elson Farias, a mais poética das três – o que pode ser percebido, igualmente, desde o título: *Claudio Santoro – cantor do sol e da paz* (2009). A editora é Valer, de Manaus, muito empenhada na construção de uma memória dos artistas amazonenses. Ao unir literatura, o autor conta a história do menino Claudio Santoro nascido na bela capital do estado e nos leva a fazer uma viagem na história do Amazonas. Remete-nos ao contexto histórico da Manaus do início do século XX com suas paisagens urbanas, de charmosos prédios inspirados na França. Cidade construída para abrigar a elite extrativista nos tempos do Ciclo Áureo da Borracha, a *Manaus da Belle Époque*, inserida num panorama de efervescência cultural e intelectual.

Em seus relatos podemos perceber a admiração pelo talento ao artista amazonense que foi Claudio, nos revela ainda na infância, o amor de Claudio pela música e o apoio incondicional de sua família, principalmente de sua mãe Dona Cecília, que o incentivava através da organização dos programas para apresentações a família e amigos. E como Manaus foi se acostumando as apresentações de Claudio, sendo reconhecido pelos intelectuais da época até o momento que aos 15 anos o jovem é contemplado com uma bolsa de estudos concedida pelo Governo do Estado que lhe permite a lapidação do talento natural e o seu crescimento como artista.

Nos revela, ainda, seu desconforto pelo fato de no Amazonas Claudio ser praticamente um desconhecido, visto a grandiosidade e importância da sua história, contribuição para a música com suas obras e a projeção do reconhecimento internacional. Sua relação de proximidade com a família Santoro e o contato com a bailarina Gisele Santoro, segunda esposa de Claudio, que lhe relata as experiências artísticas e pessoais vivenciadas ao lado do marido até a sua morte.

### Fontes e Referências Bibliográficas:

AVELAR, Alexandre de Sá. “Escrita da História, Escrita Biográfica. Das Possibilidades de Sentido”. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHIMDT, Benito Bisso (org.). **Grafia da Vida**. Reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letras e Voz, 2012.

FARIAS, Elson. **Claudio Santoro – Cantor do Sol e da Paz**. Manaus: Editora Valer, 2009.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. Tradução de Bernardo Leitão e Irene Ferreira. In: **Enciclopédia Einaudi**. 1. Memória-História. Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984. pp. 11-50.

LIDDINGTON, Jill. “O que é História Pública?” In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de Almeida; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011. pp. 31-52.

MARIZ, Vasco. **Cláudio Santoro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

NETO, José Paulo. “Em busca da contemporaneidade perdida: a esquerda brasileira pós-1964”. In: **Viagem incompleta**. A experiência brasileira (1500-2000): a grande transição 3º ed. São Paulo: SENAC, 2013.

PARANHOS, Kátia Rodrigues. “Plínio Marcos e João das Neves Caminhos Cruzados, Trajetórias, Arte e Engajamento no Brasil Pós-1964”. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHIMDT, Benito Bisso (org.). **Grafia da Vida**. Reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letras e Voz, 2012.

SANTORO, Maria Carlota Braga. **Resgatando Memórias de Claudio Santoro**. Rio de Janeiro: Barroso Edições, 2002.

SCHIMMIDT, Benito. “Construindo Biografias...Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos”. In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, no. 19, 1997. pp. 03-21.

SCHIMMIDT, Benito. “Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética”. In: **História**. São Paulo: UNESP, v. 33, n. 1, jan/jun de 2014. pp. 124-144,